



## RELAÇÕES HUMANAS NA DINÂMICA PLANETÁRIA: DE QUE HUMANIDADE FALAMOS?

MBEMBE, Achille. Políticas da Inimizade. (Trad.) Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

*Daniela Dos Santos Caetano<sup>1</sup>*  
*Secretaria Municipal de Educação - Campinas, Campinas, SP, Brasil.*

*Sandra Fernandes Leite<sup>2</sup>*  
*Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Departamento de Políticas, Administração e Sistemas Educacionais (DEPASE), Campinas, SP, Brasil.*

**Resumo:** A obra Políticas da Inimizade, traduzida do idioma francês para o português por Marta Lança e publicada pela editora Antígona, no ano de 2017, do filósofo e professor Achille Mbembe, lança luz à atualidade das relações entre os seres na dinâmica planetária. Todavia o autor pontua que as democracias liberais, fruto do escravismo e do regime colonial, produziram regimes políticos que não reconhecem, tampouco asseguram os direitos de todos os humanos sem distinção. Criou-se a sociedade da inimizade, fundada no medo, no terror e na guerra. Para compreendê-la e superá-la é preciso debruçar-se na vasta obra de Frantz Fanon, sujeito no/do mundo, a fim de estabelecer formas de rupturas com a representação da realidade calcada no imaginário e na estrutura racializada, buscando pensá-la enquanto linguagem, memória e história. A história indivisível de todo o mundo.

**Palavras-Chave:** Humanidade; Migração; Racismo.

## HUMAN RELATIONS IN PLANETARY DYNAMICS: WHAT HUMANITY DO WE TALK ABOUT?

**Abstract:** The work Policies of Enmity, translated from French into Portuguese by Marta Lança and published by Antígona, in 2017, of the philosopher and teacher Achille Mbembe, sheds light on the current relationship between beings in the planetary dynamics. However, the author points out that liberal democracies, the result of slavery

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta de Língua Portuguesa na SME-Campinas; graduada em Letras pela UNESP; especialista em “Ética, Valores e Cidadania na Escola” pela USP e mestra em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP. E-mail: [danielascaetano@gmail.com](mailto:danielascaetano@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8236-0100>

<sup>2</sup> Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp; vice-coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais da Unicamp; membro titular da Comissão de Ética em Pesquisa da ANPEd e revisora de periódicos com publicações no Brasil sobre o tema da Educação de Jovens e Adultos. E-mail: [sfleite@unicamp.br](mailto:sfleite@unicamp.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9213-6508>



and the colonial regime, produced political regimes that they do not recognize, nor guarantee the rights of all humans without distinction. The society of enmity was created, founded on fear, terror and war. To understand and overcome it, it is necessary to look at the vast work of Frantz Fanon, subject in the/of the world, in order to establish forms of ruptures with the representation of reality based on the imaginary and racialized structure, seeking to think of it as language, memory and history. The indivisible history of the whole world.

**Keywords:** Humanity; Migration; Racism.

### RELACIONES HUMANAS EN DINÁMICA PLANETARIA: ¿DE QUÉ HUMANIDAD HABLAMOS?

**Resumen:** El trabajo Políticas de Inimizade, traducido del francés al portugués por Marta Lança y publicado por Antígona, en 2017, del filósofo y profesor Achille Mbembe, arroja luz sobre la relación actual entre los seres en la dinámica planetaria. Sin embargo, el autor señala que las democracias liberales, resultado de la esclavitud y el régimen colonial, produjeron regímenes políticos que no reconocen ni garantizan los derechos de todos los humanos sin distinción. La sociedad de la enemistad fue creada, fundada en el miedo, el terror y la guerra. Para comprenderlo y superarlo, es necesario mirar el vasto trabajo de Frantz Fanon, sujeto en el/del mundo, para establecer formas de ruptura con la representación de la realidad basada en la estructura imaginaria y racializada, buscando pensarlo como un lenguaje, memoria e historia. La historia indivisible del mundo entero.  
**Palabras-clave:** Humanidad; Migración; Racismo.

### LES RELATIONS HUMAINES EN DYNAMIQUE PLANÉTAIRE: DE QUELLE HUMANITÉ PARLONS-NOUS?

**Résumé:** L'ouvrage Politiques de l'inimitié, traduit du français vers le portugais par Marta Lança et publié par Antígona, en 2017, du philosophe et professeur Achille Mbembe, met en lumière la relation actuelle entre les êtres dans la dynamique planétaire. Cependant, l'auteur souligne que les démocraties libérales, résultat de l'esclavage et du régime colonial, ont produit des régimes politiques qu'ils ne reconnaissent pas, ni ne garantissent les droits de tous les humains sans distinction. La société de l'inimitié a été créée, fondée sur la peur, la terreur et la guerre. Pour la comprendre et la surmonter, il faut se pencher sur le vaste travail de Frantz Fanon, sujet dans le/du monde, afin d'établir des formes de ruptures avec la représentation de la réalité basée sur la structure imaginaire et racisée, cherchant à la considérer comme un langage, mémoire et histoire. L'histoire indivisible du monde entier.

**Mots- clés:** Humanité; Migration; Racisme.

### MAS DE QUE HUMANIDADE FALAMOS?

À luz da proposta filosófica de indagação e de conhecimento de mundo, por meio das relações travadas entre diferentes sociedades e suas acepções, discursos e práticas acerca do que faz de um indivíduo um “ser humano” ou “sujeito de direitos”, o filósofo



camaronês Achille Mbembe no ensaio “Políticas da Inimizade”, publicado pela editora Antígona e traduzido para o português por Marta Lança, em 2017, evoca o descortinamento da imagem construída pelas democracias liberais e apresenta como *modus operandi* a segregação e o medo de um suposto inimigo pré-fabricado pelo Estado/Nação. Para tanto, o autor estrutura o ensaio em seis partes, contendo introdução, cinco capítulos e conclusão, com diferentes textos capazes de enredar uma genealogia das sociedades modernas circunscrita tanto no escravismo, quanto no regime colonial, considerando como imperante a problematização sobre a identidade e o lugar do outro em tais regimes políticos, seja este outro o negro, o estrangeiro (migrante, refugiado ou apátrida), o muçulmano, dentre outras minorias em direitos.

Mbembe revisita obras de diversos intelectuais para criar redes que se interligam e repousam em conceitos e ressignificações sobre cidadania, mitos, privações e a violência que se exterioriza nos muros que se levantam e nos novos campos de concentração de pessoas, com o ápice na decisão sobre quem pode morrer e a quem se deve eliminar (necropolítica)<sup>3</sup>. A inimizade é uma tônica nesta obra e ao problematizá-la recorre-se à vasta produção do Filósofo e Médico Psiquiatra Frantz Fanon, visando ponderar sobre o poder do medo<sup>4</sup> nas elaborações do imaginário coletivo das sociedades na atualidade, dentre elas a de pertença racial, que defini entre um grupo e outro o nível de semelhança ou segregação, de “civilização”<sup>5</sup>, de privação e do acesso e gozo aos direitos elementares para o alcance de uma vida digna. Mesmo que a obra desnude a mentira moderna na qual reside “os direitos humanos de todos sem distinção” e pontue o estatuto da dita “normalidade” da branquitude<sup>6</sup> como referência de aceitação em face ao “universalismo” que esta representa, não se furta de apresentar o papel das políticas, dos

---

<sup>3</sup> Ver Achille Mbembe no ensaio **Necropolítica**. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/download/8993/7169>>. Acesso em: 28 de abr. de 2020.

<sup>4</sup> Utiliza-se o termo medo como sensação que permeia e mobiliza construções sociais, reais e/ou imaginárias.

<sup>5</sup> A adoção pelas aspas se justifica no fato de que não há apenas um modelo possível de civilização, embora seja difundido/imposto um formato pautado nas cosmovisões europeias em razão da pretensa ideia de concebê-las como universal.

<sup>6</sup> Ver **Branquitude**: estudos sobre a identidade branca no Brasil. Tania M. P. Müller e Lourenço Cardoso (Orgs). Curitiba: Appris, 2017.



governos e da força da lei no âmago do pensamento e ação ocidental enquanto instrumento de opressão e controle.

O ensaio se inicia com a introdução intitulada de “A provação do mundo”, onde o autor explica os motivos de sua escrita, o contexto e seus objetivos em torno da compreensão dos fenômenos de “(...) repovoamento da Terra, a saída da democracia, a sociedade de inimizade, a relação sem desejo, a voz do sangue, o terror e o contraterror como antídoto e veneno da nossa época (...)” (MBEMBE, 2017, p. 7).

Em referência à obra de Fanon, elucida-se que a guerra por diferentes razões “passou a ser, desde o final do século XX, o sacramento da nossa época” (MBEMBE, 2017, p. 8). E externa que tal sacramento influenciou diretamente no modo como as democracias liberais se comportam, inclusive no que condiz com o cenário de repovoamento do mundo, onde a tese da mobilidade e do direito são substituídos pela ordem da segurança e do combate ao inimigo.

O primeiro capítulo, nomeado de “A Saída da Democracia” é constituído por mais cinco textos: “Retorno, inversão e aceleração”, “O corpo noturno da democracia”, “Mitológicas”, “O consumo do divino” e “Necropolítica e relação sem desejo”. Interessa pontuar que o foco deste capítulo consiste em fazer emergir os pilares das sociedades modernas e do pensamento/ação do Ocidente, para tanto se regressa ao passado a fim de constatar que as bases das democracias liberais se encontram no sistema escravista e no regime colonial que deram o pontapé inicial ao mercantilismo e, por conseguinte, ao capitalismo.

Algumas reflexões de como as relações entre povos e seus Estados vêm sendo construídas são encontradas no capítulo dois, “A Sociedade de Inimizade”, composto por mais cinco textos: “O objecto enlouquecedor”; “O inimigo, esse Outro que sou eu”; “Os condenados da fé”; “Estado de insegurança” e “Nanorracismo e narcoterapia”. Para Mbembe (2017) o entendimento das democracias enquanto sociedade de semelhantes é o que reafirma a incidência da segregação, ou seja, a nítida discriminação entre os não iguais. O autor cunha o termo nanorracismo para explicar que se trata de uma forma narcótica do racismo cotidiano, uma brincadeira, uma fala, um gesto, um subentendido provocado voluntariamente capaz de estigmatizar e violentar, ferir e humilhar, contaminar aquele não considerado semelhante e que sua função é a de se tornar “(...) complemento necessário do racismo hidráulico, o dos micro e macrodispositivos jurídico-



burocráticos e institucionais, da máquina estatal que fabrica clandestinos e ilegais (...)” (MBEMBE, 2017, p. 97).

Neste contexto, acerca dos que possuem o direito de viver e dos relegados à morte segundo a maior expressão da soberania, Mbembe (2017) inicia o terceiro capítulo nomeado de “Necropolítica”, subdivido em seis textos: “Política, o trabalho da morte e o ‘sujeito que vem’”; “Biopoder e a relação de inimizade”; “Necropoder e ocupação no colonialismo tardio”; “As máquinas de guerra e a heteronímia”; “Do gesto do metal” e “Conclusão”. Ao tomar o conceito de biopoder em sua relação com a soberania e o Estado de exceção, evidencia que a política antes de levar o cidadão à autonomia, atua como controle e regulação que pode levar povos ao extermínio.

Referindo-se ao conceito de biopoder, cunhado por Michel Foucault, “(...) divisão entre as pessoas que têm de viver e as que têm de morrer (...)” (MBEMBE, 2017, p. 116), externa-se que a noção de raça compõem o pensamento político ocidental, desta maneira: “(...) Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e viabilizar as funções criminosas do Estado (...)” (MBEMBE, 2017, p. 117).

Nesta direção, a filósofa Sueli Carneiro, cuja tese de doutorado se intitula “A Construção do Outro como Não-Ser como Fundamento do Ser” do ano de 2005 e no contexto brasileiro, defende a presença de um pressuposto dispositivo de racialidade/biopoder que define as especificidades das relações raciais e das relações de poder no Brasil (CARNEIRO, 2005, p.30).

Para Foucault (2005, p. 306) tirar a vida só é admissível no sistema de biopoder e as noções de raça e racismo são condicionantes da aceitabilidade deste ato. Sendo assim, apresenta que: “(...) o racismo é indispensável como condição para poder tirar a vida de alguém, para poder tirar a vida dos outros. A função assassina do Estado só pode ser assegurada, desde que o Estado funcione no modo do biopoder, pelo racismo” (FOUCAULT, 2005, p. 306).

A obra de Mbembe (2017) não descarta a noção de biopoder, no entanto a apresenta como insuficiente às recentes formas de subjugação da vida ao poder da morte, pois constituinte da vivência contemporânea estão diferentes casos de genocídio fomentados tanto pelo Estado, quanto por milícias que se organizam em seu interior, assim não se trata apenas de regulação e controle sobre a vida, mas principalmente do exercício constante e, por vezes, banalizado e/ou naturalizado, da política da morte.



O capítulo quarto, “A Farmácia de Fanon”, encontram-se sete textos: “O princípio de destruição”; “Sociedade de objectos e metafísica da destruição”; “Medos racistas”; “Descolonização radical e festa da imaginação”; “A relação de cuidado”; “A dupla desconcertante” e “A vida que se esvai”. Este capítulo aponta não somente as origens da prerrogativa da morte, como o medo enquanto habitante da psique humana, mas irá destinar às considerações realizadas nos capítulos anteriores uma alternativa, um fio de esperança frente ao cenário do horror atual. De acordo com Mbembe (2017), Frantz Fanon atribui à violência duas perspectivas distintas, a do poder de destruição e a da força criadora com especial poder de cura. O filósofo destaca que a obra de Fanon esteve envolvida em três dos principais e mais controversos debates do mundo moderno: o debate sobre a espécie humana/racismo; o debate sobre a divisão do mundo e dominação do planeta/imperialismo e autodeterminação das populações e o debate sobre o estatuto da máquina e a guerra/relação com a morte.

O capítulo cinco, intitulado de “Esse Meio-Dia Atordoante” está subdividido em sete textos: “Impasses do humanismo”; “O Outro do humano e genealogias do objecto”; “O mundo zero”; “Antimuseu”; “Autofagia”; “Capitalismo e animismo” e “Emancipação do vivente”. O autor suscita pontos cruciais para a direção de novos caminhos. O primeiro através dos impasses do humanismo, elaborando que a história dos negros não está apartada do mundo, trata-se de uma história da humanidade. O segundo ponto se refere à emancipação e como alcançá-la? Importa, antes de tudo, exprimir que a raça permitiu encerrar as pessoas em papéis e lugares dos quais não desejavam fazer parte ou permanecer (MBEMBE, 2017).

A conclusão do autor, nomeada de “A ética do passante”, aborda a questão dos cidadãos globais, ou ainda, de cidadãos que carregam em si diversos territórios, habitats, infindáveis possibilidades de vida e relações, para além das humanas. Reconhecido o sujeito enquanto passageiro, torna-se possível estabelecer também que este se torna homem no mundo, não pela origem ou ainda pela raça, mas pelo trajeto, circulação e transfiguração que lhe acomete.

Mbembe (2017) finaliza o ensaio concluindo que é impossível passar ileso por uma leitura de Frantz Fanon e salienta que na era da Terra, precisamos de uma língua capaz de libertar, “(...) uma espécie de direito absoluto, de vontade que, incessantemente, atormente a realidade. A sua função já não é apenas a de fazer soltar os cadeados, mas também de salvar a vida do desastre que assoma” (MBEMBE, 2017, p. 250).

Encerra-se então repetindo as palavras de Fanon, no que nomeia de oração: “Ó meu corpo, faz de mim um homem que questiona!” (apud MBEMBE, 2017, p. 250).

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. 2005. *Tese (Doutorado e Educação)* - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976). (Trad.) Maria Ermantina Galvão. São Paulo: *Martins Fontes*, 2005.

MBEMBE, Achille. Políticas da Inimizade. (Trad.) Marta Lança. Lisboa: *Antígona*, 2017.

*Recebido em: 23/10/2020*

*Aprovado em: 03/02/2021*